

Sobre o luto, o deslumbramento e estar vivo | The Ezra Klein Show

Ezra Klein: Eu não sei como lidar com todos os sentimentos, nem mesmo com todos os pensamentos que eu deveria ter em um dia agora. A emergência está aí e as crianças precisam de ajuda com o dever de casa. Tenho amigos que ficaram terrivelmente doentes e outros que acabaram de receber resultados de exames negativos. Passo dias cobrindo esforços para arrancar o sistema de saúde das pessoas e destruir a economia global. E aí eu deveria ir a uma festa de aniversário. Olho para o meu celular e vejo ruínas fumegantes na Ucrânia, em Gaza e no Sudão. E então eu olho para cima e vejo um dia de primavera. Eu sei que, em algum nível, algo assim é sempre verdade. E nós estamos apenas mais ou menos conscientes disso em momentos diferentes. Acho que estou me sentindo mais consciente disso agora, mais sobrecarregado por isso agora. Mais curioso sobre como me manter aberto a tudo isso agora. E então me deparei com este livro extraordinariamente belo que é todo sobre essa experiência. Chama-se "Perdido e Achado". É de Katherine Schultz, uma escritora da The New Yorker. E é estruturado em torno de uma perda, a de seu pai, e de um achado, o de encontrar e se apaixonar por sua parceira. E então é essa meditação realmente comovente sobre como tudo está conectado. A maneira como nós, e cito, "vivemos com ambos ao mesmo tempo, com muitas coisas ao mesmo tempo. Tudo conectado ao seu oposto. Tudo conectado a tudo". É mais sobre a conversa. Katherine Schultz, bem-vinda ao programa.

Katherine Schultz: Estou encantada por estar aqui. Muito obrigada.

Ezra Klein: Quero começar pedindo que você me conte um pouco sobre seu pai. De onde ele veio?

Katherine Schultz: Que pergunta maravilhosa para começar, porque ela tem essas duas valências, a questão prática de onde ele veio, e a questão meio misteriosa de onde qualquer ser humano, com toda a sua especificidade maravilhosa, vem. No caso do meu pai, ambas as respostas são um pouco complicadas. A mãe dele tinha fugido do shtetl na Polônia quando ficou claro que a sombra da Segunda Guerra Mundial estava meio que se alastrando cada vez mais pela Polônia. Ela vinha de uma família de 12 pessoas. Eles tinham recursos para levar um deles para um lugar seguro, e escolheram a filha mais nova, que era minha avó, e de fato os pais dela. E a maioria dos irmãos dela posteriormente pereceram em Auschwitz. Então ela conseguiu chegar a Tel Aviv. Meu pai nasceu. E então, muito jovem, ele foi mandado para longe da mãe. Ele foi enviado para viver em um kibutz e passou alguns anos sozinho lá. E então o pai dele desaparece ou morre. Não sabemos. Minha avó se casa novamente. E depois da guerra, a família deles, numa trajetória verdadeiramente incomum, quando metade da... comunidade judaica global, em seu terrível estado dizimado e de refugiados, estava tentando chegar à Terra Santa. Meu pai e sua família fogem de Tel Aviv e vão, de todos os lugares do mundo, para a

Alemanha. Então meu pai deixou Tel Aviv com cerca de sete anos, passou dos sete aos doze na Alemanha. E então, finalmente, a família conseguiu vistos de refugiados e acabou em Detroit, que é onde ele passou a adolescência.

Ezra Klein: Você tem uma passagem maravilhosa, linda, sobre seu pai no navio, vindo para a América e tentando conceber quanta turbulência e perda ele já havia experimentado. Conte-me um pouco sobre quanta desarticulação ele tinha visto antes dos 12 anos.

Katherine Schultz: Quantidades simplesmente chocantes, de verdade. Quer dizer, meu pai nasceu em 1941, então ao redor dele, o que deveria estar inteiro... Vastos ramos de árvores genealógicas estavam sendo simplesmente ceifados violentamente, e comunidades inteiras estavam sendo dizimadas e destruídas. Então havia essa espécie de desarticulação de fundo, inerente a todo judeu nascido naquela época. Mas então, bem especificamente, sabe, ele nasceu essencialmente um estranho em terra estranha. Em 1948, quando a família do meu pai deixou Israel... Ou melhor, deixou a Palestina, ainda era Palestina, era efetivamente uma zona de guerra. E, de fato, um tio que viajava com ele na caravana para Haifa, para partir do porto... foi baleado e morto no carro, com meu pai no carro, no banco de trás, quando aconteceu. Havia uma espécie de violência e insegurança onipresentes que caracterizaram sua juventude. Isso é simplesmente chocante para mim de contemplar, em parte porque ele então... dedicou sua vida adulta a prover para seus filhos a estabilidade que ele absolutamente não teve enquanto crescia.

Ezra Klein: Eu leio histórias como essa, e tenho lido "Melting Point", que é um tipo diferente de história caleidoscópica muito interessante dessa era para o povo judeu. Mas eu também estava lendo "Wolf Hall", onde todo mundo está morrendo de tuberculose sem parar. Penso na modéstia das coisas das quais tento proteger meus filhos agora, certo? As coisas que me chateiam se acontecem com eles. E então, o que, sabe, toda geração da humanidade, incluindo muitas pessoas vivas hoje, certo? O extremismo da experiência. E é difícil imaginar como você passa por isso e simplesmente continua. E ainda assim as pessoas passaram e passam. Então, essa é uma pessoa que, quer dizer, ele viu o tio ser assassinado no carro ao lado dele. Que tipo de pessoa ele se tornou?

Katherine Schultz: Meu pai se tornou o tipo de pessoa que você nunca adivinharia a quantidade de tragédia que havia em seu passado. Você nunca adivinharia que toda a família dele tinha sido dizimada pelo Holocausto, que ele carregava todo esse luto, perda e violência em cada etapa de sua vida. Meu pai era brilhante. Ele era alegre. Ele era incrivelmente espirituoso. Ele era chocantemente brilhante. E meu pai falava, acho, oito idiomas. Mas, basicamente, o inglês foi o último de seus muitos idiomas. E eu gosto de pensar que sou uma pessoa razoavelmente articulada, e meu pai me deixava no chinelo. Quero dizer, ele simplesmente tinha um dom maravilhoso para idiomas e, acho, era fundamentalmente generoso de espírito. Sabe, a resposta dele às privações de sua vida foi viver a vida mais

generosa que pôde, tanto com meios materiais, mas também com sua alegria, com seu intelecto, com sua energia. A felicidade dele residia em compartilhá-la com o mundo.

Ezra Klein: Você entende o temperamento dele como um ato de negação ou um ato de aceitação?

Katherine Schultz: Que pergunta interessante. Nunca me fizeram antes. Ah, suponho que entendo o temperamento dele, principalmente, como um grande dom. E não estou tentando negar ao meu pai o crédito que ele merece. Eu sei que meu pai tomou muitas decisões sobre... o tipo de vida que ele queria viver e o tipo de homem que ele queria ser, inclusive de maneiras que mudaram ao longo da minha vida. Eu o vi se tornarativamente um homem mais paciente. A paciência não era algo naturalmente forte nele, nem em mim, aliás. Mas acho que, de alguma forma fundamental, não acho que meu pai jamais esteve em negação sobre as experiências que o moldaram. Ele não falava sobre elas em grandes detalhes até eu mesma ser adulta. Mas ele certamente nunca... fingiu que o passado não existia. E ele não, ao contrário, falava de si mesmo como, sabe, quem ele era porque tinha sido forjado nas chamas do desastre ou algo assim. Não acho que ele valorizava o sofrimento como a coisa que o tornou quem ele era. Agora, certamente acho que ele tinha um senso muito agudo do que significava ser... um judeu no mundo em meados do século passado, um senso agudo do que significava ser um refugiado neste país. Quer dizer, olhe, meu pai tinha dois irmãos, e um deles era apenas um ano mais novo que ele. E, para todos os efeitos, moldado por forças idênticas, e não poderia ter sido um ser humano mais diferente. Então, há algo subjacente, algo bem lá no fundo, abaixo das escolhas que fazemos, ou da nossa vontade ativa no mundo, que é inextricável de quem nos tornamos.

Ezra Klein: Eu sempre me pergunto quando penso sobre o que... meus avós não reclamavam muito, e sobre o que eu reclamo, e sobre o que as gerações mais novas que eu parecem reclamar. E nossa atitude cultural em relação ao trauma e à autorrevelação, e ao autoconhecimento. E eu sou mais dessa cultura do que da oposta, mas não olho ao redor e acho que somos mais felizes.

Katherine Schultz: Acho que isso é absolutamente verdade.

Ezra Klein: E isso me faz pensar, será que estamos... fazendo a coisa certa em nossa cultura mais investigativa? Ou havia uma sabedoria que perdemos, não que as pessoas devam viver em negação, mas o equilíbrio de quanto investigamos e quanto... simplesmente seguimos em frente.

Katherine Schultz: Claro. E o que é resolver versus o que é remoer, e quais aspectos da nossa vida escolhemos enfatizar versus minimizar. Sabe, havia essa espécie de estoicismo da "maior geração", certo? E essa valorização de nunca falar sobre o sofrimento. E não sei se essa foi uma solução perfeita, certo? Quero dizer,

meu pai era uma pessoa efervescente, mas a mãe dele, minha avó, era... uma mulher profundamente amarga, infeliz e volátil. E Deus sabe, ela adquiriu essas qualidades honestamente, certo? Quero dizer, a vida dela tinha sido implacavelmente traumática e trágica de maneiras que eu não consigo imaginar sobreviver. Ela se recusava a falar sobre isso. Eu tentei em várias ocasiões. Assim como muitas outras pessoas próximas a ela. E não sei se a vida dela melhorou por nunca... confrontar as vastas fontes de dor dentro dela, pelo menos nunca de forma visível para nenhum de nós, certo? A vida é cheia de sofrimento. É desigualmente distribuído de formas trágicas. Eu nunca contestaria isso. Mas mesmo a vida melhor, mais sortuda e mais privilegiada tem uma dose infeliz de sofrimento. E há escolhas a serem feitas sobre o quanto nos concentramos nisso. O quanto remoemos isso? O quanto falamos sobre isso? Como falamos sobre isso? E o quanto prestamos atenção ao nosso próprio sofrimento versus... o sofrimento dos outros. Acho que você está mirando em algo um pouco mais profundo do que reclamações cotidianas, que é uma questão fundamental sobre: nós nos consideramos fortes? E, essa é uma palavra tão usada em excesso agora, mas resilientes e capazes de superar? Ou nós, e nós nos concentramos no que está indo bem, ou no que esperamos fazer, em nossas aspirações, em nossos motivos? Em nossos objetivos. Ou ficamos excessivamente atolados no que nos foi feito, ou nas formas como fomos injustiçados? E não pretendo saber a resposta, e não estou sugerindo que não devamos falar sobre trauma e aborrecimento. Acho que foi uma grande revolução em nossa cultura que as pessoas tenham permissão para fazê-lo. Mas compartilho a sensação de que algo foi ligeiramente perdido nessas gerações. Que, sim, quer dizer, meu pai passou décadas sem realmente dizer muita coisa sobre isso, uma infância fascinante e também inquestionavelmente perturbadora, perturbadora e traumática.

Ezra Klein: Acho que também estou mirando em outra coisa. O que me comoveu profundamente em seu livro é sua atenção ao sofrimento e à perda. E há algo nisso, acho que é bem sutil, que há algo sobre estar aberto a isso versus afastá-lo. Isso parece muito profundo. Nenhum dos dois é negação. E você passa muito tempo no livro sobre o tempo que passou com seu pai no hospital enquanto ele estava falecendo. Você tem essa frase sobre hospitais onde diz, e tenho certeza que estou errando um pouco na citação, mas gosto desta parte. Em uma UTI, você está ciente da brevidade da vida e do grande precipício iminente da eternidade. No entanto, ao mesmo tempo, você está basicamente preso em um aeroporto. E há essa espécie de coexistência do banal e do profundo. Como foram esses dias para você?

Katherine Schultz: Isso vai soar em desacordo com a experiência excruciente do luto, mas honestamente, eles foram mortalmente monótonos. Quero dizer, quando nada está acontecendo, o que acontece muito quando você tem alguém em uma UTI... com um conjunto misterioso de sistemas corporais falhando. Grande parte do seu tempo é gasto fazendo absolutamente nada. Grande parte do seu tempo é gasto esperando por alguém que tenha a menor ideia do que está acontecendo para

vir e falar com você, o que inevitavelmente acontece nos 10 minutos que você decide que finalmente vai tomar uma xícara de café. Então, sabe, eles pareceram, eles pareceram longos, eles pareceram repetitivos. Eles, claro, tinham essa espécie de espectro de medo sempre à espreita. Porque não é como se eu soubesse que meu pai estava morrendo o tempo todo. Em algum momento, isso ficou claro, mas por muito tempo, não ficou nada claro. Direi que também pareceu, e isso é muito do que este livro trata, sabe, às vezes eles pareceram um pouco como um presente. Foi esse tempinho separado da rotina diária de "estou no trabalho, estou com prazos, sabe, estou fazendo todas essas coisas previsíveis". É tipo, bem, não, estou aqui neste hospital. Aqui estamos como família, tipo minha família de origem, juntos em um quarto. E que maravilha, sabe? E então teve momentos de... doçura. Havia uma espécie de tédio sombrio nisso, e ainda assim era sempre pontuado pelo presente da família. E então, claro, sabe, gratidão pelos profissionais médicos que estão tentando nos ajudar. E do lado de fora e ao redor. E infundindo tudo isso, esse medo, que se provou preciso, de que aqueles eram meus últimos dias com meu pai.

Ezra Klein: Visitei uma amiga em um hospital recentemente. E, em certo nível, isso pareceu a menor reação possível, mas também pareceu muito verdadeiro. Eu simplesmente me peguei pensando, porque ela estava lá há um tempo, tipo, "eu queria que você pudesse estar em um lugar mais bonito... para isso, essa coisa terrível pela qual você está passando". Que eu queria que não, enquanto você estava sofrendo, e enquanto você estava, sabe, nessa experiência, que não tivesse que ser aqui. Isso parece, isso parece um nível próprio de crueldade.

Katherine Schultz: Acho que isso é frequentemente verdade. E acho que muitas pessoas vivenciam isso dessa forma. Sabe, esse desejo que as pessoas ainda têm hoje de... morrer em casa, certo? E a resistência a entrar em vários tipos de ambientes de cuidado. Não é, não acho, apenas teimosia ou mesmo medo de, sabe, ser "armazenado" em uma instituição. Ou que ninguém vá te visitar ou esse tipo de coisa. É uma sensação real de que muito do que torna a vida significativa está ausente desses lugares. E há uma espécie de crueldade no final da vida, de todos os momentos, não estar confrontando a beleza. Nunca vou esquecer, não sei o quanto ele conseguiu absorver, mas nunca vou esquecer... de ligar a Nona Sinfonia de Beethoven no quarto de hospital do meu pai. Porque sentimos que ele amava música e amava música clássica. E o impulso de preencher aquele espaço incrivelmente estéril com algo inspirador e avassalador em sua beleza era avassalador dentro de nós naquele momento. E, sabe, recitamos poesia pelo mesmo motivo. E é verdade. Por um lado, olhe, quero ser incrivelmente clara. Sou profundamente grata à equipe médica que cuidou do meu pai naquele momento e de muitos outros. E não quero sugerir que não haja uma razão para... esses lugares serem como são, e que atos de incrível coragem, graça e beleza não aconteçam lá. Eles acontecem todos os dias. Mas quando você está lá todos os dias por um longo período, você também sente essa espécie de... magreza emocional, sabe, que a

vida é tão abundante. Falaremos sobre abundância, espero, em algum momento aqui, mas a vida é tão rica, maravilhosa e variada.

Ezra Klein: Não abundante como entendemos no meu podcast, para ser honesto.

Katherine Schultz: Bem, claro. Muito disso é forçosamente mantido à distância em um hospital. E você está certo, queremos mais para os doentes e os moribundos.

Ezra Klein: Gostaria de pedir que você lesse uma passagem. É uma das minhas favoritas em seu livro. Está na página seis.

Katherine Schultz: Claro. Por um tempo depois que meu pai morreu, eu não conseguia parar de ver o mundo como ele realmente é, marcado em todos os lugares pela evidência de perdas passadas e pela iminência de futuras. Isso não foi porque a morte dele foi uma tragédia. Meu pai morreu pacificamente aos 74 anos, cuidado durante suas últimas semanas por aqueles que ele mais amava. Foi porque a morte dele não foi uma tragédia. O que me chocou foi que algo tão triste pudesse ser o jeito normal e necessário das coisas. Em seu rescaldo, cada vida individual parecia conter mágoa demais para sua duração fugaz. A história, que eu sempre amei, mesmo em seus silêncios e mistérios, de repente parecia pouco mais que um registro de perdas em escala épica, especialmente onde não podia oferecer registro algum. O próprio mundo parecia efêmero, geleiras e espécies e ecossistemas desaparecendo, o ritmo da mudança tão rápido quanto em um lapso de tempo, como se aqueles de nós vivos hoje tivesse sido permitidovê-lo da perspectiva angustiante da eternidade. Tudo parecia frágil. Tudo parecia vulnerável. A ideia de perda pressionava ao meu redor, como uma ordem oculta da existência que emergia apenas na presença do luto.

Ezra Klein: Acho que são as frases que começam e terminam isso, que você "não conseguia parar de ver o mundo como ele realmente é". Que existe essa "ordem oculta da existência que emerge apenas na presença do luto", que me fizeram parar um pouco, que parecem verdadeiras, que se relacionam um pouco com nossa conversa anterior sobre negação. Fale-me sobre essa sensação de que esta é uma perspectiva mais honesta do mundo.

Katherine Schultz: É tão engraçado. É uma perspectiva mais honesta do mundo? Certamente é preciso sob muitos aspectos. Quero dizer, a perda é... onipresente. Nós morreremos. As pessoas que amamos morrerão. As coisas que construímos, no grande esquema das coisas, mesmo no esquema médio das coisas, são relativamente transitórias e fugazes. E há momentos na vida em que a onipresença e a escala dessa perda se tornam profundamente visíveis para nós. Pelo menos para mim, penso muito sobre escala, certo? E se você se detiver... na escala do mundo, quanto mais na escala do cosmos, nossas vidas são incrivelmente curtas. Elas parecem, ou podem parecer, incrivelmente insignificantes. E essa sensação de que tudo ao nosso redor é terrivelmente frágil é precisa, certo? Quero dizer, você

não pode olhar para o grande panorama das coisas e não... perceber quão tênue é nosso apoio neste mundo, e quão rapidamente seremos não apenas perdidos, mas esquecidos. Sabe, tive este momento surpreendente quando percebi, sabe, mal consigo dizer os nomes dos meus bisavós. Quero dizer, são três gerações, certo? É um piscar de olhos. Mas é assim que as coisas são, certo? E tudo que amamos, todos que amamos, vamos ter que enfrentar a perda devastadora de literalmente todos eles. Essa é a versão sombria, sabe, e é real. Não acho que seja a história toda. Existem maneiras de tentar manter a visão bifocal desse tipo de perda. E por que nossas vidas, no entanto, não são insignificantes, ou pelo menos não sem sentido. Mas certamente, sabe, em momentos difíceis, e acho que para pessoas que lutam contra a depressão ou... ou que têm um fardo verdadeiramente injusto de luto em suas vidas, pode parecer a única verdade sobre a existência.

Ezra Klein: Você chama isso de sombrio, e há uma dimensão disso que é muito sombria e muito assustadora. E então, também, as pessoas que conheço que habitam nisso, muitas vezes, não quero dizer que não achem sombrio, mas também descrevem uma certa... beleza que vem da percepção disso. Um amigo meu que perdeu a mãe não faz muito tempo, sempre me diz com uma tristeza real... que o tempo não cura feridas, apenas faz tudo desaparecer. E que eu meio que o observei lamentar a diminuição de seu luto, e que havia uma espécie de beleza em ver as coisas como elas realmente eram, a espécie de interconexão da vida, a fragilidade dela. Acho que uma razão pela qual nos afastamos dessas coisas é que parece aniquilador olhá-las. Mas então, as pessoas que conheço que estão olhando para elas, há uma espécie de conexão com algo muito profundo que parece residir ali também.

Katherine Schultz: Ah, sem dúvida. Quero dizer, o luto é simplesmente uma lente incrível. Quero dizer, sua capacidade de foco nítido é incrível. E é verdade que houve momentos nas profundezas de... lamentar ou me preparar para lamentar... meu pai... que o mundo nunca me pareceu tão bonito, ou tanto como um presente. E, sabe, há uma razão pela qual honramos tanto a morte, e por que tantas gerações de filósofos consideraram estudar a morte como a chave para descobrir como viver uma boa vida. A coisa incrível sobre a morte é que ela te força a reconhecer que você está vivo, certo? E que essa não é uma condição permanente, certo? Temos este momento, e nenhum outro momento conhecido ou dado, para apreciar esse fato e saboreá-lo e ser grato por ele. E é verdade. Eu escrevo muito no final deste livro sobre atenção e o dom da atenção. E eu realmente acho, sabe, que alguns tipos de luto podem nos voltar para dentro e nos afastar do mundo e obliterar a atenção de maneiras preocupantes. Mas acho que muito frequentemente... o luto e a consciência da inevitabilidade da morte... realmente aumentam nosso senso de atenção e nossa capacidade de olhar para o mundo com gratidão e olhá-lo com admiração. E não sei que outra força poderia fazer isso. Quero dizer, isso é trágico. Eu gostaria que houvesse alguma, alguma outra coisa. Quero dizer, talvez algumas,

sabe, drogas ilegais que eu não experimentei, mas, caso contrário, não sei... o que mais pode nos deixar tão profundamente maravilhados e gratos pela vida.

Ezra Klein: É uma pergunta sobre atenção que me trouxe a este livro, porque minha experiência nos últimos dois anos... Para mim, tem sido particularmente aguda nos últimos meses. E esta tem sido uma experiência tanto pessoal quanto, às vezes, muito política. É essa sensação de que tentar equilibrar os extremos, dar tudo de si... É uma tensão ao mesmo tempo. A perda e o horror, como a beleza e a euforia, também apenas a normalidade. Sabe, eu sento aqui por um dia e cubro deportações para El Salvador e prisões de tortura, e então vou para casa e só tenho que fazer o jantar e ler livros. E tenho certeza que alguém tem a capacidade de atenção para lidar com isso, mas não sinto que eu tenha. Nunca senti tanto essa sobrecarga... do sistema. E me pareceu algo que você estava explorando neste livro, porque você também conhece seu parceiro em uma época semelhante. Parece que você deveria ser capaz de se contentar... com uma interpretação emocional de um momento, que o afeto da história deveria ser mais ou menos uma coisa só, o que, claro, nunca é verdade. Estamos apenas mais ou menos alertas para isso.

Katherine Schultz: Sim, quero dizer, absolutamente. Para ser honesta, na verdade é a razão pela qual escrevi este livro. O momento em que comecei a pensar seriamente sobre como foi ter vivenciado aquelas duas experiências de vida bastante importantes em um período extremamente curto. Curto o suficiente para que eu ainda estivesse me apaixonando enquanto meu pai estava morrendo, e me vi meio que lutando com essas emoções extraordinariamente diferentes ao mesmo tempo. Foi aí que eu, falando em atenção, foi o que me chamou a atenção. Pensei, bem, isso é interessante, certo? Isso, na verdade, é a natureza fundamental da vida, certo? Na verdade, estamos sempre lidando com mais de uma coisa ao mesmo tempo. E às vezes elas são... profundamente contraditórias. Às vezes, são apenas profundamente não relacionadas e, no entanto, de alguma forma, temos que dividir nossa atenção entre elas. E então, meio que fomos arrastados de cabeça para a pandemia, que foi, acho, para muitos de nós, uma experiência de viver dentro de muitas realidades totalmente irreconciliáveis simultaneamente. Sabe, foi tipo, de repente você estava trabalhando de casa e isso era incrível porque você não tinha um trajeto de duas horas todos os dias. E você podia ficar perto dos seus filhos o tempo todo. Mas também, tipo, oh meu Deus, você estava perto dos seus filhos o tempo todo e não conseguia fazer nenhum trabalho. E era tão incrível vê-los crescer e ter tempo perto deles. Mas também eles te deixavam louco. E eu simplesmente acho que todo mundo, ou, sabe, mais tragicamente, sabe, pessoas ao seu redor estavam ficando doentes e sofrendo. E, de uma forma estranha, seu sistema familiar estava prosperando. Simplesmente todo mundo, acho, estava lidando com essas experiências profundamente contraditórias. E, sabe, claro, isso não era realmente sobre a pandemia, certo? A pandemia trouxe à tona uma característica fundamental da existência, que é: estamos sempre inundados por realidades

profundamente conflitantes. E parte da questão é: quanta atenção prestamos a elas? Sabe, você está em uma posição agora em que precisa prestar atenção a isso, certo? Você está cobrindo essas deportações e voltando para casa para sua família, e precisa viver em ambas as realidades. Mas, sabe, mesmo nos tempos mais pacíficos... a medida em que confrontamos o mundo além da nossa realidade imediata é apenas uma escolha, certo? Quero dizer, sempre há sofrimento ilimitado. Sempre há beleza ilimitada. E realmente é uma questão de para onde olhamos. E é difícil, certo? Você tem que fazer as duas coisas ao mesmo tempo e não pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo. E a questão de que tipo de equilíbrio você alcança é infinitamente interessante para mim.

Ezra Klein: Li este livro e me perguntei sobre a qualidade da sua atenção real. Você escreve... E não apenas aqui, em seu jornalismo também, como se fosse capaz de sintonizar sua atenção em níveis muito profundos de experiências, mas também, de alguma forma, no contexto cósmico e geológico em que essas experiências estão ocorrendo. Você meio que transita entre escalas de tempo com muita suavidade. Há uma passagem sua sobre encontrar e as várias formas que isso assume que acho muito bonita. Você se importa de lê-la?

Katherine Schultz: Com prazer. Encontrar, assim como perder, é uma categoria enorme, repleta de conteúdos aparentemente não relacionados. De dobrões de ouro a Deus. Podemos encontrar coisas como lápis e almofadas de sofá, e coisas como novos planetas e sistemas solares distantes, e coisas que não são coisas de forma alguma. Paz interior, antigos colegas de escola primária, a solução para um problema. Podemos encontrar coisas que nunca estiveram perdidas, exceto em nossas próprias vidas, como quando encontramos um novo emprego ou um boteco... de churrasco. E podemos encontrar coisas tão profundamente escondidas que quase ninguém mais pensou em procurá-las, como quando encontramos células da glia ou quarks.

Ezra Klein: Você realmente vivencia o mundo dessa forma? Ou isso é algo que acontece como uma questão de ofício, escrita e reflexão?

Katherine Schultz: Adoro quando me fazem perguntas que nunca me fizeram antes. E essa, na verdade, parece meio central para quem eu sou, de uma forma interessante. Acho que vivencio o mundo dessa forma. Quer dizer, amo a imensidão do mundo. Sou profundamente atraída por questões de escala. Quer dizer, nós somos, nós seres humanos temos uma situação muito única, que é sermos... criaturas finitas, até onde sei, criaturas finitas em um universo infinito. E essa é uma posição meio problemática de se estar. E sou infinitamente interessada nisso. Isso tem todos os tipos de implicações em nossa realidade cotidiana, em toda a nossa existência como espécie. Esse é o nosso contexto. E acho que alguma parte do meu cérebro, por qualquer motivo, está sempre olhando meio para cima e para fora. Eu sou, acho que isso é meio que nativo do meu cérebro. Não sei o quanto útil é, no dia a dia, para esses tipos de atos de equilíbrio sobre os quais você está falando,

que são infinitamente difíceis. Mas, para o bem ou para o mal, acho que é simplesmente assim que eu olho para o mundo. Meu lugar mais profundamente pacífico e interessante é no topo de uma montanha, onde posso ver muito longe. E isso não é só porque eu amo montanhas, certo? Embora eu ame. Sinto-me tranquilizada e intrigada pela experiência da visão mais longa possível.

Ezra Klein: Há alguma experiência que lhe vem à mente recentemente... onde você estava olhando para algo pequeno e viu algo grande nele, ou grande... e viu algo pequeno nele?

Katherine Schultz: Claro. Quer dizer, vou contar uma história que parece que não pode ser verdade... E juro que é. E o que você precisa saber, a título de contexto para esta história, é que... há mais ou menos um ano, minha parceira e eu compramos a casa... do outro lado da rua da fazenda onde ela nasceu e foi criada e onde os pais dela ainda moram. E temos reformado gradualmente desde então. E incrivelmente animados para nos mudarmos e ficarmos perto da família e, francamente, perto de mais ajuda com as crianças. E então finalmente nos mudamos. E estou simplesmente me deliciando nesta nova casa linda enquanto nos instalamos nela. E então, isso foi há apenas uma semana. Minha filha, que agora tem três anos e meio, temos esses campos lindos do lado de fora da nossa casa. E ela vagueia pelo campo e volta com um talo de trigo. "Olha, mamãe." E então estou pensando, oh, ela encontrou um talo de trigo. Divertido, sabe, crianças pegam tudo, certo? Trevos, moedas, sabe, qualquer coisa enlameada, tarântulas, o que quer que elas consigam encontrar. Então ela me entrega o talo de trigo e estou apenas pensando, oh, que fofo. Ela pode viver neste cenário lindo, onde o ar livre está cheio de tantas coisinhas maravilhosas para ela estudar. E então ela me olha muito séria e diz: "Mamãe, deveríamos usar este trigo para fazer pão para as pessoas que não têm." Não, é apenas um daqueles momentos como pai/mãe em que, por um lado, você está tão apaixonado pelo seu filho. Você pensa, quer dizer, quem criou essa mente notável? Tipo, a última coisa que estou sentada ali pensando é, tipo, oh, é, sabe, é como se ela tivesse encontrado uma flor bonita ou algo assim. E lá está ela aparentemente pensando sobre, tipo, os pobres e a privação e a necessidade. E então, imediatamente, minha sensação da escala do que estávamos falando simplesmente mudou radicalmente. Mas também, para ser honesta, é que eu senti, lado a lado, uma admiração avassaladora por ela. Senti-me so... moralmente acusada. Quer dizer, estou literalmente no meio de, sabe, me deliciando com minha cozinha nova e bonita. E então, de repente, sou confrontada com a fome real no mundo. E estou pensando, por que tenho este revestimento lindo? Tipo, o que eu fiz aqui? Minha filha de três anos tem mais clareza moral do que eu sobre como deveríamos gastar nosso dinheiro e nosso tempo, e o que realmente importa na vida. Então, sim, quer dizer, de uma forma maravilhosa. Sinto que meu mundo está cheio de descobertas que... parecem pequenas e florescem para o enorme, ou parecem enormes... e então têm algum tipo de influência em coisas pequenas e práticas, como ser uma família e como criar filhos. Muitas vezes é incrivelmente

humilhante, e às vezes é muito engraçado, e às vezes é muito comovente. E, nesse caso, foi tudo isso.

Ezra Klein: Existe essa forma de pensar sobre essas questões, onde realmente parece que o objetivo é viver em plena consciência... da fragilidade da vida, dos horrores, da felicidade. E então também parece que, se você realmente fizesse isso, como conseguiria fazer qualquer coisa? Se você estivesse realmente totalmente presente na beleza de cada momento, na efemeridade de, sabe, eu vou... e jogo futebol com meus filhos de três e seis anos, quase todas as noites agora. Por um lado, sei que não estou aproveitando do jeito que gostaria. Tipo, sei que este momento é mais bonito do que a forma como meu eu cansado está vivenciando, que também está pensando na hora de dormir e, sabe, se vamos nos atrasar para o jantar. E então quero ser mais do tipo monge. E então, sabe, você provavelmente entende a forma como a constante compartmentalização e filtragem da vida é adaptativa para seguir em frente.

Katherine Schultz: Absolutamente. Quero dizer, acho, olhe, quero dizer, nem os monges são tão monásticos assim, certo? Quero dizer, existe um corpo maravilhoso de literatura sobre distração, sabe, nesses espaços que deveriam ser santuários de todas as pressões do mundo exterior. E foco, a mente. E, sabe, você deveria pensar puramente em Deus. E se fosse fácil, todos nós seríamos monges, e os monges seriam melhores em ser monges. É incrivelmente difícil.

Ezra Klein: E eles geralmente não têm filhos.

Katherine Schultz: E eles não têm filhos, certo? Que são apropriadamente, eu nunca diria uma distração. Eles são a essência. Eles são a coisa à qual devemos prestar mais atenção. E às vezes essa atenção é profunda e existencial. E às vezes é tipo... sabe, "querida, vai colocar sua calcinha". Tipo, muito da paternidade/maternidade é apenas pragmatismo, certo? Não sei se deveríamos aspirar, ou suponho que deveríamos aspirar a estar em contato com a beleza e a maravilhosa dadivosidade de cada momento. Aspiração não precisa ser realidade. Tipo, acho que aspirar provavelmente é o motivo pelo qual, em três e meio por cento do tempo, temos a experiência transcendente de, tipo, aqui... estou, tipo, aninhada na cama com minha filha, lendo uma história para ela dormir. E nada jamais será tão profundamente doce quanto isso. E você, você, você sente isso bem lá no fundo, e, e sabe, você sempre guardará isso. Hum, e nos outros 97% do tempo você não sentirá, e provavelmente tudo bem. Sabe, o incrível sobre esses momentos de admiração... pelo universo, pela vida, pelo que temos, é que eles são tão potentes, você na verdade não precisa de muitos deles. Então, não acho que você possa desistir do objetivo de tentar ter mais deles ou reconhecê-los. Mas não acho que precisemos de tantos deles para meio que sustentar nossas almas.

Ezra Klein: Então, desde que terminou de escrever o livro, você teve dois filhos.

Katherine Schultz: Isso mesmo.

Ezra Klein: Grande parte do livro é sobre ser encontrado. O que você encontrou?

Katherine Schultz: Meu Deus. Quer dizer, tudo, das formas mais maravilhosas. E encontrei um elástico de cabelo específico com margaridas amarelas que minha filha adora. Que sumiu por um mês. E ela está emocionada de, sabe, encontrá-lo novamente. E encontrei recursos de significado e paciência que eu não tinha ideia que existiam antes disso. Quero dizer, é toda a escala da descoberta. Acho que uma coisa que encontrei... Hum, bem, antes de mais nada, apenas como uma reflexão básica sobre a paternidade/maternidade, nunca fui tão grata por nada na minha vida. Eu era um pouco mais velha quando nossa primeira filha nasceu. E, para ser honesta, eu meio que tinha desistido de, não quero dizer desistido... eu tinha me conformado com a possibilidade de que talvez nunca tivesse filhos meus e meio que tinha feito as pazes com isso. O mundo está cheio de crianças que precisam de amor e que são um deleite para mim. E sou parente de algumas delas. E isso tem sua própria beleza. E pode ser suficiente se tiver que ser suficiente. E que eu tive filhos meus. E tanto se escreve sobre todas as coisas difíceis da paternidade/maternidade. E não vou sentar aqui e diminuir essas coisas. Mas minha experiência avassaladora da paternidade/maternidade é apenas deleite, deleite verdadeiro e absoluto. Nunca vou esquecer quando minha primeira filha nasceu, minha parceira e eu tivemos este momento, estávamos tipo, nos preparando para sair do hospital, e nós duas pensamos, tipo, "então podemos simplesmente levá-la para casa?". Isso é insano. Vocês nos deram um ser humano, certo? Isso é incrível. E, quero dizer, para ser clara, tipo, nós, sabe, minha parceira gerou esse ser humano por nove meses.

Ezra Klein: Eles não a deram a você.

Katherine Schultz: Mas eu meio que tenho essa sensação de tipo, uau, quer dizer, nós simplesmente vamos para casa e criamos essas crianças. E elas são suas próprias criaturas, e ter novas mentes para interagir parece incrível para mim. Acho que também encontrei, e sinto, com base em nossa conversa anterior sobre o que foi perdido das gerações passadas, que talvez você aprecie isso. Encontrei uma tremenda satisfação no dever. Não posso dizer que o dever seja algo em que pensei muito antes disso. Não sou de uma geração onde o dever, como a economia, era um valor óbvio. Não entrei em uma instituição como as forças armadas, onde o dever é um valor óbvio. Mas vou te dizer, não importa o quanto cansado você esteja... às 7h30 da manhã, quando seu filho acorda, tipo, você vai lá e ajuda a se vestir e... você garante que ela tome um bom café da manhã.

Ezra Klein: E seu filho acorda às 7h30 da manhã.

Katherine Schultz: Ah, Deus a abençoe. Ela faz isso todos os dias desde que tinha uns três meses e meio. A menorzinha, se aqui. Mas, ah, eu simplesmente, sabe, é,

é so... Nem sempre é o que você quer estar fazendo. Quero dizer, meu medo número um sobre a paternidade/maternidade é que eu sou profundamente uma pessoa noturna. Quero dizer, minhas horas favoritas para escrever são das 22h às 4h da manhã. Então, em algum nível fundamental, tudo que eu vinha fazendo durante toda a minha vida adulta estava profundamente em desacordo com a tarefa da paternidade/maternidade, que é, francamente, estar de pé ao raiar do dia muitos dias seguidos. E ainda assim, é... é uma satisfação profunda sentir que é isso que você faz. Você faz por si mesmo, faz por seus filhos, faz por seu parceiro, e faz porque tem que fazer. E isso é um tipo de libertação e um tipo de maravilha, e toda uma categoria de existência que encontrei... porque tive filhos, que eu nunca tinha apreciado, muito menos valorizado antes.

Ezra Klein: Você disse algo muito interessante em um e-mail para mim quando estávamos conversando sobre fazer o programa. E você me escreveu, falando sobre paternidade/maternidade, que "para onde você está olhando importa muito". E é "tão difícil olhar para perto e para longe ao mesmo tempo". Você pode falar mais sobre isso?

Katherine Schultz: Ah, sim, com certeza. Acho que, na verdade, um imperativo real da paternidade/maternidade é que, e um imperativo real de ser humano é... você está presente para aqueles ao seu redor que mais precisam de você. E você provê estabilidade e segurança, e encontra esperança, porque, na verdade, é crucial fomentar esperança para a próxima geração. E então, sim, claro, quero dizer... É muito complicado. Sabe, há crianças da idade dos meus filhos cujos pais desapareceram da noite para o dia. E isso é horrível para mim. Estamos vivendo tempos difíceis, digamos assim. Dito isso, sabe, novamente, dependendo de para onde você olha, todos os tempos são tempos difíceis. Nunca houve escassez de sofrimento no mundo. Mas me incomodam as formas de sofrimento que estão acontecendo ao nosso redor agora. E me sinto cúmplice de algumas delas. Quero dar a elas minha atenção total e não ignorá-las. Mesmo quando não é óbvio para mim como eu poderia intervir positivamente nelas, certamente não quero apenas fingir que elas não existem. E, no entanto, ainda tenho que ser alegre para meus filhos e boba para meus filhos. E essas são emoções difíceis de manter juntas ao mesmo tempo. E, no entanto, considero isso uma... fricção necessária e produtiva, não menos porque, como eu disse antes, nos lembra que, na verdade, deveríamos sempre viver dessa forma. Sabe, se nós, se como você e eu, estamos entre os afortunados e temos os recursos e as vidas para sequer ter a possibilidade de ignorar o sofrimento no mundo, deveríamos ser gratos por tudo que nos lembra de não fazê-lo e nos lembra que, tipo, deveríamos vivenciar esse tipo de fricção em nossas vidas o tempo todo.

Ezra Klein: Uma das minhas crenças mais inconvenientes sobre o mundo é que agora sabemos demais sobre ele. E que a mente humana não foi feita para ser esticada sobre tanta ameaça, perigo e tragédia o tempo todo. Eu trabalho com

notícias. Meu programa faz parte dessa dinâmica que estou prestes a descrever, mas as notícias às vezes podem ser um motor para encontrar e trazer até você o que quer que vá te perturbar mais... que esteja acontecendo literalmente em qualquer lugar da Terra naquele exato momento. E não é que não seja, em algum nível, bom saber sobre isso. Não quero chegar ao ponto em que nunca soubemos sobre isso, mas muitas vezes penso que... provavelmente o meio-termo saudável, o meio saudável era poder pegar um jornal uma vez por dia... e descobrir sobre coisas terríveis acontecendo em outros lugares, e coisas importantes acontecendo em outros lugares, e às vezes coisas maravilhosas, mas menos frequentemente coisas maravilhosas acontecendo em outros lugares. Em vez de estar com seus filhos no parque e seu telefone vibrar... e ser apenas algo terrível que você não pode afetar. Nem sequer está acontecendo com ninguém que você conhece. Você definitivamente não tem poder sobre isso. Mas alguém em algum lugar pensou que te prenderia saber sobre isso. E é estranho. Isso te torna ciente do sofrimento, mas também acho que tem alguma outra qualidade, alguma qualidade entorpecente e exaustiva que não é saudável.

Katherine Schultz: Acho que isso é quase certamente verdade. Quero dizer, é tão interessante. Você disse que estava lendo "Melting Pot". E há um momento surpreendente lá quando uma das fontes do livro, da qual estamos ouvindo, simplesmente fala sobre como você costumava ler um jornal e... você recebia 20 minutos de notícias à noite, ou talvez 10 minutos de cinejornais antes de um filme. E era isso. E eu larguei o livro quando li isso. Pensei sobre isso por muito tempo porque, quero dizer, não havia escassez de notícias no mundo. Isso foi no meio da Segunda Guerra Mundial, certo? E ela continua dizendo algo que achei igualmente surpreendente e altamente relacionado, que é: o mundo parecia muito maior e mais misterioso então. Então, acho que você está certo, embora também ache que é um pouco mais complicado do que isso, porque, de uma forma trágica, sinto que simultaneamente sabemos mais sobre o mundo e menos sobre nossas próprias comunidades. Ah, sim. Tipo, nós estamos, nós estamos... Trocamos fragmentos de notícias de todos os lugares, grande parte trágicas, algumas apenas inflamatórias, por um conhecimento profundo e conectado... de nossas próprias comunidades imediatas. E isso parece trágico e perturbador para mim. E essa espécie de achamento absoluto das distinções.

Ezra Klein: Então, vou fazer uma mudança brusca aqui. Quero te perguntar sobre felicidade. E gostaria de fazer isso pedindo que você leia uma pequena passagem do seu livro, que está na página 174.

Katherine Schultz: Claro. A felicidade rotineiramente recebe não apenas menos atenção, mas também mais críticas do que seu oposto. Pensadores contemporâneos às vezes a descartam como uma fixação superficial da vida moderna. Mas condená-la por esses motivos é confundi-la com fenômenos próximos, mas diferentes: ou formas superficiais de si mesma, como diversão e

prazer, ou meios superficiais de tentar alcançá-la, do abuso de substâncias à chamada terapia de compras.

Ezra Klein: Gosto dessa ideia de que a felicidade não recebe atenção ou teorização suficiente. Então, se não são essas formas próximas, diversão e prazer, para você, o que é?

Katherine Schultz: Acho que a felicidade, não acredito que você está me pedindo para definir felicidade de improviso no seu podcast. Acho que a felicidade é...

Ezra Klein: Eu não escrevi o livro. Eu não escrevi a pergunta.

Katherine Schultz: Bem, você sabe quando a sente. Quer dizer, acho que a felicidade é um estado de profunda apreciação pelo que você tem naquele exato momento. Acho que se eu fosse gerar uma definição espontânea, seria essa. E... sim, quer dizer, fui movida a escrever sobre isso porque tive a sorte de me encontrar extremamente feliz. E, sabe, eu sabia que contaria pelo menos dois tipos de histórias neste livro. E uma era sobre luto, e a outra era sobre amor. E quando você vai e examina o panorama das histórias de amor, a grande maioria delas são tragédias disfarçadas. São histórias de amor que são contadas porque terminam em divórcio ou morte prematura. Ou, de alguma forma, elas escurecem drasticamente ao longo da narrativa. E, como resultado, a maior parte do que lemos, ouvimos e assistimos sobre histórias de amor é o começo ou o fim. Sabe, temos o "como vocês se conheceram?" e o apaixonar-se e todo o romance brilhante e excitante e a paixão do início. E ou, simplesmente termina aí, certo? Termina com o casamento. Termina com ficarem juntos ou terem filhos. Ou, sabe, há apenas o implícito ou explícito... "felizes para sempre". Ou então meio que saltamos para a destruição e dissolução desse estado tão desejado, seja por separação ou morte. E achei isso curioso, porque, claro, isso deixa de fora a vasta maioria da maioria, ou pelo menos de muitos relacionamentos, certo? Tipo, quando você está feliz junto com alguém, na verdade o que importa para você é o meio. E, na verdade, o que você quer que continue e continue e continue é o meio, mas ninguém escreve sobre o meio. Há muito pouco sobre apenas a felicidade do dia a dia e a textura de uma vida feliz, que não é apenas feliz, certo? Quero dizer, muito deste livro é sobre a sobreposição infinita... contradição e atrito, e diferentes emoções. E muita felicidade é infundida com aborrecimento ou frustração, ou dias ruins, ou o que quer que seja, mas ainda assim, de alguma forma, fundamentalmente sentimos que o nome profundo e essencial que daríamos a isso é felicidade. E isso foi interessante para mim, e eu queria escrever sobre isso.

Ezra Klein: Bem, me pergunto se isso acontece porque esperamos que a felicidade seja mais simples e pura. Acho que às vezes há períodos em minha vida que tenho certeza que olharei para trás... como virtualmente perfeitos. Que os problemas eram pequenos. Ninguém que eu amava estava doente naquele momento. Eu estava, sabe, cercado por família e amigos. Meu trabalho era satisfatório. Mesmo que minha

experiência daquele período seja muitas vezes exausta, sobre carregada, superprogramada, ansiosa. E essa espécie de questão de, quero dizer, talvez uma razão pela qual as pessoas não escrevem sobre esses meios é que o meio é sempre mais de tudo. Sabe, sua descrição do seu primeiro beijo com seu parceiro, que é funcionalmente cósmica em sua linguagem, provavelmente será diferente da maneira como você vivencia uma terça-feira quando todo mundo está com prazo e o jantar precisa estar na mesa, mesmo que você provavelmente olhe para trás e veja isso como um período lindo. Acho que pensamos que a sensação disso deveria ser mais simples, talvez, do que acaba sendo.

Katherine Schultz: Acho que isso é absolutamente verdade, mas não acho que seja verdade apenas para a felicidade. Quero dizer, sim, a felicidade é mais do que apenas felicidade, mas tudo é mais do que apenas tudo. Quero dizer, há esta frase maravilhosa de C.S. Lewis sobre como, sabe, você nunca encontra apenas câncer, ou apenas guerra, ou apenas felicidade, ou apenas infelicidade. Elas são sempre incrivelmente variáveis na experiência vivida. Há momentos bons e tempos difíceis. Há momentos difíceis e tempos bons. E queremos agir como se isso fosse a anomalia, mas não é, certo? É tipo a verdadeira... textura da vida. E, de fato, acho que provavelmente todos seríamos mais felizes se reconhecêssemos que a felicidade não é uma experiência pura. O amor não é uma experiência pura. O luto não é uma experiência pura. É sempre, todos eles são sempre amalgamados com seu oposto, certo? E é tão doce, na verdade, sua consciência de que, tipo, algum dia, isso parecerá maravilhoso e fácil. E, sabe, com certeza, claro, minha vida e a vida do meu parceiro com dois filhos e 17... livros... prazos e o que mais quer que esteja acontecendo é... não é o êxtase de um primeiro beijo quando o mundo de repente parece estar se abrindo e este caminho inteiramente novo está brilhando diante de você. Mas vou te dizer, o caminho é lindo. E parte do que nós não, acho, prestamos atenção suficiente é a beleza desse caminho, de qualquer caminho. E é o que eu disse antes sobre o dever. Sabe, em algum nível, uma coisa bonita sobre momentos difíceis no casamento ou em qualquer coisa é tipo, bem, você está fazendo isso porque está comprometido com isso, mesmo nos momentos que não são apenas êxtase e alegria, certo? E tipo, eu quero levar o lixo orgânico para fora na chuva torrencial como fiz logo cedo esta manhã? Absolutamente não. Mas eu quero que meu parceiro tenha que fazer isso? Não. Tipo, por que eu não deveria, certo? Tipo, não é? A melhor coisa a fazer neste momento é "tomar uma atitude", como costumávamos dizer, e simplesmente ir lá e fazer. E há um tipo de beleza nisso. Um tipo de felicidade e um tipo de realização nisso. E não é o tipo brilhante e lustroso, mas é do que muito da vida é feito. Certo. E, e eu, eu realmente acho possível considerá-lo como, não quero dizer divertido, sabe, mas, mas com propósito e significativo.

Ezra Klein: Qual é a diferença entre a relação da felicidade com o dever e da felicidade com a diversão?

Katherine Schultz: Bem, provavelmente felicidade e dever são mais sustentáveis. Sempre se pode ser cumpridor do dever, certo? Sempre há tarefas a serem feitas, trabalho a ser feito, necessidades a serem atendidas neste mundo. E se você extrai felicidade de um senso de dever, na verdade acho que essa é uma fonte infinitamente sustentável. E meio que condiz com minha teoria geral da felicidade, que é, acho, em nossos piores momentos absolutos, a coisa que pode nos sustentar é servir aos outros. Eu realmente acredito. É realmente poderoso lembrar que existem outras necessidades no mundo, que outras pessoas têm necessidades, e que, na verdade, você pode ajudar a atendê-las e amenizá-las. De quaisquer pequenas formas. Não há comunidade na Terra que não precise da sua ajuda. E é bom sair da sua cabeça e sair da sua própria miséria. Então, se o dever faz parte do seu senso de felicidade, você nunca terá que procurar muito para reabastecê-lo. Diversão. Eu amo diversão. Não me entenda mal. Diversão é maravilhosa. Diversão é incrível. Sabe, minha família e eu vamos à praia neste fim de semana e, honestamente, mal posso esperar. Sabe, nós, em um sentido estritamente definido, tipo, não temos muita, tipo, diversão autoevidente agora. Só porque, certo, temos um bebê de três meses e meio, temos uma criança de três anos, tipo, há uma espécie de, costumávamos simplesmente pular no carro ao menor sinal de uma história interessante ou algo divertido para fazer e perambular pela noite. E isso era muito divertido, certo? E sinto falta disso? Às vezes, claro, sinto falta disso. E nesse... tipo de forma estritamente definida, há menos diversão na minha vida. Por outro lado, crianças são diversão infinita. Quero dizer, crianças são hilárias, certo? Além, talvez, do meu pai. Nunca tive uma fonte tão consistente de hilaridade na minha vida quanto crianças pequenas. Elas dizem coisas hilárias. Elas pensam coisas hilárias. Elas fazem coisas engraçadas. Elas vivem com uma espécie de alegria e humor que é contagiante e interessante. Então, certamente não estou aqui para diminuir o valor da diversão. Na verdade, acho que rir é profundamente bom para o...

Ezra Klein: Mente, corpo e coração, e meus filhos me fazem fazer isso o tempo todo. Uma coisa que realmente gostei no livro é a ênfase na conectividade de todas essas coisas. Que parte da experiência humana é simplesmente... você não tem nenhuma delas de uma vez só, e você não poderia ter nenhuma delas, de certa forma, sem as outras. Você tem uma seção interessante sobre como o filósofo William James pensava sobre nossos pensamentos. E, particularmente, acho, a conectividade entre eles, a espécie de subestrutura sombria de nossos pensamentos. Você pode falar um pouco sobre isso?

Katherine Schultz: Posso. Então, fui a William James porque minha experiência irritante da vida... é que qualquer pensamento interessante que você já teve, William James teve muito antes de você. E disse algo realmente brilhante sobre isso. E, com certeza, William James disse muitas coisas interessantes sobre a ideia do "e". Então, William James foi o cara que nos deu essa ideia do fluxo de consciência, sabe, essa sensação de que... ou essa consciência de que sua mente está sempre

cheia de pensamentos, muitos deles não relacionados à tarefa em mãos ou ao que quer que você esteja olhando. Está simplesmente fervilhando de ideias e instintos e impulsos e impressões do mundo ao seu redor o tempo todo. Esse fluxo constante de pensamentos em nossa mente. Às vezes prestamos atenção a ele, às vezes não. Mas, como todos sabemos, pela dificuldade que é... meditar ou se concentrar, ou adormecer à noite. Há sempre barulho em nossas mentes, sabe, gerando todas essas coisas. Então, William James escreve sobre o fluxo de consciência. E, no meio disso, ele, de uma forma meio estranha, meio que muda de metáfora e começa a falar sobre os pensamentos em nossas mentes... como pássaros voando por aí. E às vezes eles estão voando, e às vezes eles tipo pousam em algum lugar. E ele diz, sabe, nós só realmente prestamos atenção aos lugares onde eles pousam, o que... na mente dele é tipo, sabe, os substantivos e os verbos e os adjetivos, tipo as coisas realmente óbvias como Ezra Klein, você é um substantivo, você é um pássaro pousado em algum lugar. Podemos falar sobre Ezra Klein, ou, sabe, podemos falar sobre uma tempestade, ou, ou uma palavra como "vermelho". Parece que tem conteúdo para nós. Então, há todo esse material que acontece quando os pássaros estão voando por aí, que é o "e" e o "se", e o "ou". Esses tipos de elementos sutis, mas absolutamente cruciais do nosso pensamento aos quais não prestamos atenção. Hum, e, e ainda assim moldam profundamente o que somos capazes de pensar, e, hum, o que pensamos sobre e a maneira como pensamos. Ele diz, sabe, nós deveríamos, deveria haver uma sensação de "e", tanto quanto temos uma sensação de "azul" ou "frio" ou Ezra Klein. Ah, e isso foi incrivelmente útil para mim, porque pensei, oh sim, é meio que isso que estou aqui para fazer. Estou aqui para tentar descobrir qual é a sensação do "e", tipo, o que é essa ideia? O que essa palavra está fazendo por nós, e qual é o papel que ela desempenha na linguagem, o que é uma forma diferente de dizer, qual é o papel que ela desempenha em como pensamos.

Ezra Klein: Você sentiu que chegou a uma resposta para isso? Qual é a sensação do "e"?

Katherine Schultz: Então, um pouco diferente de todas as outras conjunções que a língua inglesa tem, sabe, "mas", "se", "ou", todas essas na verdade descrevem um tipo de relação necessária. "Se isto, então aquilo", isso é uma relação causal. Na verdade, nos diz algo sobre as duas metades da frase que estamos criando. O bonito do "e" é que você pode juntar quaisquer duas coisas com ele. Elas podem não ter absolutamente nenhuma relação uma com a outra. Dou-lhe maçãs e laranjas, certo? Ou podem ter toda a relação uma com a outra, Romeu e Julieta, ou nenhuma na Terra, sabe, maçãs silvestres e smokings. E esta manhã, o que estamos lidando é tipo, temos 30 minutos para nos vestir e chegar à biblioteca para fazer um podcast com Ezra Klein. E nosso sobrinho, que está em nossa casa, que tem dois anos e meio, acabou de vomitar... no berço, o que significa que não há onde ele dormir. E também, opa, estou ignorando um bilhete do meu editor e preciso ir ao supermercado. Quero dizer, isso é vida, certo? Há apenas este... E isso antes

de chegarmos a, tipo, ah cara, e tipo, você abre o New York Times... e Joe Biden tem câncer, e, sabe, pessoas estão sendo deportadas. Quero dizer, o número de pensamentos, experiências, demandas interligadas em nossos dias é infinito. Então, parte dessa sensação de "e" é a sensação de que tudo está conectado a tudo mais, o que, quero dizer, pode ser uma coisa realmente bonita. Quero dizer, a sensação de que tudo está conectado a tudo mais é também a sensação de que podemos fazer a diferença, certo? Tipo, se de fato estamos todos conectados, então nossas ações importam. Elas importam umas para as outras. Elas importam para pessoas distantes. Elas importam para pessoas que nunca conheceremos porque elas nem nasceram ainda. Então é avassalador, mas acho que também meio esperançoso. Meio excitante. Mas há essa outra sensação que o "e" tem, que é a sensação de que algo está para acontecer, certo? Tipo, se você está me contando uma história e para de falar, o que eu vou te dizer é... "e...", significando, tipo, o que acontece depois, certo? Tipo, é quase uma sensação de suspense. "E" é essa palavrinha que nos impulsiona para o futuro. E, nesse sentido, é um tipo de... ela acena para esse tipo de abundância temporal também, certo? Tipo, essa é a sensação de William James, tipo, bem, sempre há algo mais que podemos alcançar e nos conectar. Sempre há algo mais meio que vindo em nossa direção. Então, acho que é uma sensação de conexão. É uma sensação de continuação. É uma sensação de abundância. E todas essas, para mim, são fundamentalmente e, em última análise, sentimentos bastante esperançosos.

Ezra Klein: Fico impressionado com o quanto você está falando sobre a sensação, de certa forma, da palavra "e". A forma como ela conecta as coisas, a forma como ela implica processão. Acho que estou interessado na sensação da experiência. Quero dizer, grande parte do livro é sobre manter esses dois extremos de experiência ao mesmo tempo. A perda de seu pai, o encontro de seu parceiro e esse amor. E acho que é nisso que tenho estado interessado. Sinto, em minha própria atenção, um desejo de estar constantemente escolhendo uma faixa de sensação ou sentimento. Eu deveria me sentir mal com as coisas agora. Eu deveria me sentir bem com elas. Como se eu estivesse fazendo algum cálculo em minha cabeça que termina com, tipo, onde na escala de sentimento eu deveria me situar. E que também alguma parte de mim percebe que isso está errado, que o que eu gostaria de ser capaz de fazer é sentir coisas diferentes ao mesmo tempo. Acho isso muito difícil de fazer. Estou curioso se escrever este livro, ou passar por essa experiência, ou refletir sobre isso da maneira que você fez, tornou isso mais fácil, tornou seu senso de sentimento mais amplo.

Katherine Schultz: Não sei se tornou mais fácil. Certamente me tornou mais consciente disso. E acho que isso é um tipo de facilidade, certo, é sentir-se em paz com... tanto a necessidade quanto, às vezes, a impossibilidade de sentir todas as coisas ao mesmo tempo. Isso me deu uma sensação de, well, isso é vida, certo? E, na verdade, tudo bem ter sentimentos mistos, experiências mistas. Adoro minha parceira e acho ela brilhante, e ela preenche meus dias com sabedoria, humor,

surpresa e estabilidade. E também, estamos casadas há sete anos e juntas há dez, e temos dois filhos. E às vezes enlouquecemos uma à outra, ou ficamos frustradas, ou brigamos. E, na verdade, tenho muita paz em relação a isso, o que acho útil. Eu simplesmente penso, bem, isso não é amor. Isso é apenas parte do acordo aqui. E sentimos muitas coisas ao mesmo tempo, e deveríamos. E às vezes isso ainda me surpreende, de boas maneiras. E eu disse antes, acho importante estar aberto ao surpreendente... sentimento, porque acho que isso pode nos incomodar moralmente, e isso provavelmente é uma coisa boa. Sou uma nerd das palavras, claro. Penso em como o "e" funciona, e na verdade acho interessante. E acho filosoficamente interessante e profundamente relacionado à questão de como nos sentimos nesses momentos. Mas, claro, eu sinto, certo? Sinto essas tensões o tempo todo. É impossível estar vivo e ser afortunado no mundo hoje e não sentir tipo, qual dessas coisas eu realmente deveria fazer? Não é, qual dessas coisas eu deveria estar sentindo? Sentimos todas elas. Acho que o verdadeiro problema é: sobre qual desses sentimentos eu devo agir?

Ezra Klein: Bem, então vamos terminar com um ponto de nerdice das palavras. Aprendi algo com seu livro que eu não sabia, que é que o alfabeto inglês costumava terminar com o símbolo para "e". Fiquei realmente surpreso ao saber disso.

Katherine Schultz: Fiquei realmente surpresa ao saber disso também. Eu sei. E, quero dizer, falando sobre, sabe, escala, certo? E espaço e tempo. Isso foi... verdade até bem recentemente, tipo, até o final do século XIX, quando as crianças aprendiam o alfabeto. A procissão começava com A, B, C e terminava com X, Y, Z, e. É literalmente assim que lhes ensinavam o alfabeto. É incrível para mim que esse pedaço de conhecimento, instilado em geração após geração de crianças em idade escolar, pudesse se degradar no decorrer de, sabe, menos de um século... quando eu estava crescendo na escola... ao ponto de não termos ideia de que isso já havia feito parte do alfabeto, mas, de fato, fez. O que, claro, achei fascinante, só porque que engracado que as pessoas costumavam aprender isso e agora não aprendemos.

Ezra Klein: Mas por que fazia parte do alfabeto? Não soletramos palavras com o símbolo "e".

Katherine Schultz: Acho que, sabe, a única resposta que posso fornecer razoavelmente é que realmente parecia crucial para os tipos de... Aprendemos a escrever o alfabeto para podermos aprender a escrever palavras, e aprendemos a escrever palavras para podermos aprender a escrever frases. E, na verdade, a palavra "e" é a terceira palavra mais comum na língua inglesa. E as únicas que usamos com mais frequência são "o", sabe, o artigo "o", e várias conjugações do verbo "ser/estar". Mas é, concordo, é muito interessante. Sugere uma espécie de importância para a capacidade de fazer um "e", certo? De incorporar isso em como escrevemos nossa experiência do mundo.

Ezra Klein: Como uma metáfora para o que você... trabalhou em seu livro e com o que muitos de nós estamos trabalhando em nossas vidas, me pareceu bastante comovente.

Katherine Schultz: Eu sei, que ideia linda, na verdade, que qualquer coisa deva terminar em "e", certo? Que algo que parece um fim seja, na verdade, um lembrete explícito de que sempre há mais, que algo mais pode ser conectado, que algo mais pode acontecer em seguida. Acho muito bonito.

Ezra Klein: E sempre, nossa pergunta final. Quais são os três livros que você recomendaria para o público?

Katherine Schultz: Meu Deus, quase esqueci ao longo de tudo isso. Antes de mais nada, tenho que dizer, muito obrigada por sempre fazer esta pergunta, tanto porque me delicio em saber o que as pessoas leem quanto porque, ah, é simplesmente bom saber que a cultura literária, por mais que possa estar em apuros, ainda está moldando nossas vidas e nossos pensamentos de todas essas formas maravilhosas e duradouras. Ok, meus três. Número um, é tão engraçado você ter mencionado que está lendo "Wolf Hall". Gostaria de encorajar você e seus ouvintes a, em algum momento, lerem "Um Lugar de Maior Segurança", que é o livro que Hilary Mantel escreveu antes de se dedicar a Thomas Cromwell e seus compatriotas. É sobre a Revolução Francesa. Tem 800 páginas, incrivelmente indisciplinado, absolutamente rebelde e fantasticamente ótimo de ler. Também o recomendo porque é fundamentalmente a história de três pessoas que estão tentando, com total sinceridade, construir uma nação melhor. E, em vez disso, simplesmente a destroem completamente e se destroem no processo. E não quero sugerir que estamos às vésperas de uma catástrofe no estilo da Revolução Francesa. Certamente espero que não. Mas, no entanto, é um material de leitura extraordinariamente interessante no momento. Então, esse é o número um. E o número dois é um livro que acabou de sair esta semana, acredito, que é esta maravilhosa graphic novel chamada "Spent" de Alison Bechdel, com belas ilustrações coloridas de sua parceira, Holly Rae Taylor. É sobre a experiência de crescer em uma família relativamente pobre e viver essa espécie de existência artística marginal. E então, de repente, se encontrar razoavelmente bem de vida. E está muito próximo dessas questões que temos discutido também. Como você aproveita sua vida e seu dinheiro, e também vive seus valores e interage com sua comunidade? E é muito inteligente nas questões do que fazemos com nosso dinheiro e nosso dinheiro e nossa moral. E também é simplesmente hilário, como todo o trabalho dela. Então, esse é o número dois. E o número três é um livro sobre o qual acho que já ouvi você falar também. Também um livro relativamente novo. E estou... em parte fazendo uma menção à minha parceira aqui porque ela esteve envolvida no projeto de Michael Lewis, "Quem é o Governo", ah, que é esta coleção de ensaios de escritores totalmente diferentes, hum, sobre burocratas do governo, hum, que? Na época em que ouvi falar sobre isso pela primeira vez, pensei, tipo,

não sei muito bem como um livro sobre uma antologia de ensaios sobre burocratas do governo vai se sair. E, tragicamente, ele veio a calhar. E não consigo pensar em nada melhor para as pessoas lerem agora do que estas, achei simplesmente histórias incrivelmente comoventes sobre o que esses supostos agentes do "estado profundo" estão realmente fazendo com seu tempo e fazendo em nome do povo americano. Então, essas são minhas três recomendações para você.

Ezra Klein: Katherine Schultz, muito obrigado.

Katherine Schultz: Com certeza. O prazer foi meu. Muito obrigada por me receber.